Biblioteca Pública Lisboa

Série IV — Ano 7.º Porto, 11 de Fevereiro de 1917 Número 6

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131.
Impressão: Tip. Viuva Batalha

Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Redactor principal
António Alves Pereira

Editor
Norberto T. de Carvalho

Condições d'assinatura (Pagam, adiant.)
Um mês . . . . . 010 (100 reis)
Semestre . . . . . 060 (600 reis)
Um ano . . . . . 1$20 (1$00 reis)
Para fóra do país acresce o importe do selo
Número avulso, $02 (20 reis)

LIÇÕES DA GUERRA

AQUELES que, em face do tremendo conflito europeu não perderam a cabeça, antes se conservaram fieis aos princípios e às ideas de emancipação social que sempre advogaram, teem tido muitas ocasiões para observar certos factos cuja natureza encerra preciosos ensinamentos.

A guerra actual, que os patrioteiros e os comerciantes, os homens de negócios e os magnates das finanças, os jornalistas a sôldo do capitalismo e da burguesia e os desvairados dos diferentes sistemas sociais classificaram e classificam ainda, hipócritamente, de *guerra de libertação*, não passa, segundo a opinião dum crítico militar autorizado no assunto, duma «assembleia geral de pancadaria», onde se *discute*, pela boca fumegante dos canhões e pola fôrça estúpida das baionetas, a quem há-de pertencer, de futuro, a hegemonia industrial, comercial, financeira e diplomática da Europa.

Ora nêste jôgo de interesses materiais que se debatem, os Estados, para sairem vencedores da contenda, tratam de agitar espalhafatósamente os chamados valores morais e patrióticos dos seus respectivos povos, na mira sagacíssima de os tornarem cúmplices nos nefandos crimes que praticam diáriamente.

Assim, nós vemos que, em tôda a parte, os governos — apesar das tam decantadas *leis de separação* — se utilizam maravilhosamente das religiões para, sem receio, conduzirem os trabalhadores, como rebanhos, ao insaciavel matadoiro humano. Em França, por exemplo, a religião católica, gosa dumas prerogativas e duns benefícios tais, que os reaccionários de todos os países já prevêem, para depois da guerra «um profundo renascimento religioso, um alevantamento magnânimo das crenças cristãs» (acho que, *para maior glória de deus*, com tribunais da inquisição, fogueiras, cilícios, pôtros e demais petrechos inerentes ao *suave* exercício da conversão dos povos!) «renascimento e alevantamento que a redimirão de todos os êrros e scismas que os seus pensadores, com as suas teorias dissolventes e absurdas, teem dado origem.» A confirmar-se as nossas previsões, que serão fatais — ajuntam êles, pomposamente — não haverá no mundo melhor exemplo para demonstrar aos ingénuos e aos descrentes, tôda a veracidade que existe na parábola do filho pródigo!...

Vê-se, por esta pequena amostra, que a cúria romana, sempre ávida de parasitismo e sempre decidida a semear as trevas da ignorância para poder prosseguir na exploração metafísica das populações rudes, não trepida em auxiliar os Estados, sejam de que categoria forem, em mancomunar-se com êles, em *unir-se* aos seus destinos, desde que possam retirar daí os proventos nécessários à sua conservação infausta e ao seu predomínio funesto.

Mas o triunfo da religião trará consigo, e por muito tempo, a morte de tôdas as aspirações de liberdade e bem-estar. Ela, de sociedade com o militarismo, com a estúpida autoridade organizada, com a magistratura, com a polícia, enfim, com tôdas as instituições capitalistas, constitui a mais sólida base em que se apoiam todos os governos. A união ou o entrelaçamento da Cruz com a Espada, define claramente que uma coisa não pode viver sem a outra. E' por isso que os Estados, conquanto se *declarem* anti-clericais, nunca se proclamam abertamente contra as religiões. No ensino oficial substituem umas por outras, isto é, obrigam os seus professores a ministrar às crianças a religião que mais se adapte às suas conveniências de partido político e de seita.

Instruidos, assim, os indivíduos supersticiósamente ¿que admira que, no momento propício os governantes deitem os gatâzios ao padre e lhe *peçam* para cumprir a sua missão de evangelizador? A docilidade e a ausência de personalidade individual, são comuns ao fito dos dois. E quando se pensa em obter, como na guerra actual, um determinado objectivo, não se olha para traz. Tôdas as ajudas são boas; todos os concursos são magníficos. A mentira apresentada com perícia e com arte, é a alma salvadora do negócio. A revisão — a separação do trigo do joio — fica para depois, para as oportunidades, para quando houver vagar. Mas se por acaso ficar tudo misturado, subvertido, logo que os Estados não sofram, logo que os seus alicerces não abanem, logo que os supremos interesses das castas dominantes não periguem, não se perde nada; muito ao contrário, os exploradores da produção e do consumo teem tudo a lucrar...

E a prova de que os Estados ao envolverem tudo o que podem nas suas habilidades políticas, para melhor servirem as suas clientelas, encontra-se no facto incontroverso dos socialistas parlamentares também irem pela beiça. Quem se chega para os maus, adquire-lhes os hábitos, diz a sabedoria das nações. Com efeito: o *último filho* de Alberto Tomaz, o ministro socialista das munições francesas, é bem característico. Os leitores, certamente, ignoram quem é êste filho do *grrande* socialista! Pois ficam agora a sabê-lo: é a bala do canhão de 40 centímetros!...

A Alemanha apresentou de surpresa, o famoso morteiro de 42. Pois a França, que igualmente possui talentos militares, não lhe podia ficar atraz e respondelhe com o morteiro de 40. E Alberto Tomaz, para que os franceses se inteirassem da eficácia dos trabalhos que correm pelo seu ministério, mandou colocar duas cápsulas do seu dilecto filho à entrada do Hotel dos Campos Elísios. Torna-se preciso que todo o mundo fique sabendo que o *kolossal* se inventa em tôda a banda e que a mania patriótica e nacionalista emociona os cérebros ao ponto de os transformar em simples serventuários dos ricos, dos dominadores e dos políticos.

Ah! que as lições da guerra são de arripiar os cabelos. Se o proletariado organizado, consciente, activo e ansioso pela sua emancipação se deixa adormecer pelo canto mavioso das sereias políticas, patrióticas ou governamentais, mais vale atar as mãos à cabeça e atirar-se para o abismo. Porque a sua ruína será total.

PEDRO GUIMARÃES.

Aos camaradas

No número 5 de *A Aurora* diziamos aos camaradas que, em virtude da situação financeira do jornal, suspendiamos a sua publicação até à terceira ou quarta semana de janeiro.

Passaram-se essas semanas e nós, com grande desgôsto, não pudemos cumprir com a nossa palavra. O dinheiro que recebemos foi pouco, mal chegando para pagar as dívidas que fizemos. De maneira que a nossa esperança ia-se desvanecendo pouco a pouco, e com franqueza, mais duma vez chegamos a supôr que nos seria impossível arcar com as responsabilidades da publicação de *A Aurora*.

Recorremos, então, à solidariedade de todos os anarquistas. Enviamos cartas demonstrando-lhes a situação do jornal, e os resultados que colhemos satisfizeram-nos bastante. Independentemente disso, um grupo de amigos do jornal, veio à redacção e no meio de palavras entusiastas, comprometeu-se a compôr o jornal gratuitamente, visto a grande falta que êle está fazendo nos meios proletários.

Com êstes concursos, resolvemos, então, meter novamente ombros à empresa. Os camaradas sabem, perfeitamente, que a nossa imprensa vive cheia de dificuldades, aqui como em tôda a parte. Publicar um jornal tôdas as semanas, representa um sacrifício que só sabem avaliar aqueles que a si próprios impuzeram essa missão. Neste momento, portanto, somos forçados a solicitar de todos os camaradas o seu óbulo, por pequeno que seja, a ver se conseguimos levar de vencida os obstáculos que se antepõem à difusão da nossa propaganda.

Se todos os amigos do jornal contribuíssem mensalmente com uma cota suplementar de 10 centavos, isso facilitaria muitíssimo a vida à *Aurora* pois, quaisquer *deficits* que houvesse seriam prontamente extintos.

Pensem, portanto, os camaradas no nosso alvitre; e se entenderem que êle é aceitavel enviem-nos as suas adesões.

O que todos devem ter em vista é o seguinte: se nos não auxiliarem com quaisquer quantias, se não abrirem subscrições voluntárias para acudirem às necessidades de momento, se enfim, não se importarem com o jornal, deixando *correr tudo ao deus dará*, nós, como não sabemos fazer milagres, seremos forçados a recolher-nos ao silêncio.

Teem a palavra os camaradas...

A Paz pelos Povos : :

Inserimos hoje este manifesto, que em França teve umas poucas de edições. Para êle chamamos a atenção dos nossos camaradas, na certeza de que concordarão com a sua doutrina.

Há vinte e dois meses que a Europa é um vasto campo de chacina. Foram já mortos milhões de homens, e mais numerosos ainda são os que vêem reduzida, se não para sempre destruída, a sua capacidade de trábalho. Cidades inteiras há que já não passam de montões de escombros. A miséria impéra e estende-se de dia para dia com uma rapidez crescente. A Europa corre para a sua ruína.

Para justificar esta loucura devastadora e obter o consenso resignado dos povos, dizem-nos que é a luta do direito e da justiça contra os Bárbaros, e cada partido beligerante se pretende, com exclusão do adversário, campião da justiça e do direito.

Quanto a nós, em tôda esta destruição de existências e de riquezas, não vemos senão a luta da barbaria contra a barbaria.

E' falso que neste formidável conflito haja móbiles desinteressados. Na realidade representa apenas um ímpeto de apetites, uma concorrência de interesses em irredutível discordância; é o resultado previsto e inevitável do embate violento das cubiças capitalistas, assim como das intrigas velhacas e tortuosas duma diplomacia criminosa. E' a resultante normal, lógica e esperada da concorrência mundial entre os diversos imperialismos, concorrência cuja crescente intensidade tomara nos últimos anos a acuidade dum antagonismo cheio de desconfiança e de ameaça.

As cubiças imperialistas das grandes potências europeias tinham-se arrogado direitos sôbre os territórios africanos e asiáticos ocupados por populações inermes, onde elas pretendiam achar terrenos propícios para uma frutificação de capitais.

A' medida que se reduziam os espaços livres e que entravam em contacto as famosas esferas de influência, iam surgindo incidentes e contestações que às vezes acabavam por se arranjar amigávelmente, embora de modo precário.

Todos se lembram do incidente de Faxoda, que esteve a ponto de desencadear a guerra entre a França e a Inglaterra — hoje amigas e aliadas. Foi também dum conflito de interesses no Extremo Oriente que nasceu a guerra entre a Rússia e o Japão, hoje igualmente aliados. A guerra ítalo-turca outra causa não teve tampouco senão apetites capitalistas na Tripolitânia.

Rivalidades do mesmo género em Marrocos, entre especuladores alemães, franceses e espanhóis por um triz não fizeram estalar alguns anos mais cedo a guerra entre a França e a Alemanha. Desde 1870 que sôbre a Europa pesava um desassossêgo crescente, devido ao estado de paz armada, resultante da conquista alemã da Alsácia-Lorena e dos projectos franceses de desforra, que depois cuidaram de achar apoio numa aliança com a Rússia. Esse desassossêgo agravara-se sobretudo nos derradeiros doze annos. A expansão considerável da indústria e do comércio da Alemanha levara, por essa ocasião, esta potência a aumentar as suas fôrças navais. Ciosa da sua supremacia marítima mundial, a Inglaterra sobresaltou-se com isso. E não somente se viu, desde 1905, o próprio rei da Inglaterra tomar a iniciativa duma aproximação entre a Inglaterra e a França, tornando-se desde então «amigas cordiais» essas «inimigas hereditárias», mas também a diplomacia britânica chegar-se para a Rússia, apesar do conhecido antagonismo dos interesses russos e ingleses no Oriente.

A intenção era clara: visava ao insulamento da Alemanha, a temida concorrente.

Dum lado, as miras da Alemanha na Ásia Menor e do outro, nos Balcans, as contínuas intrigas da diplomacia russa, aspirando a saídas para o Mediterrâneo, quer expulsando da Europa a Turquia e tomando Constantinopla, quer de qualquer outro modo, mantinham um estado de perturbação e um antagonismo permanentes entre os interesses que as diversas potências pretendiam ter no Oriente.

Essas intrigas, que por exemplo não tinham cessado de excitar a Sérvia contra a Austria-Hungria, tinham produzido entre êsses dois países uma tensão duma acuidade tal que por fôrça se havia de dar um incidente — e com efeito se deu, proporcionando o pretexto do qual saiu a guerra actual.

Porque o atentado de Seraievo não passou de um pretexto: pretexto para os impérios centrais, e especialmente para o império alemão, para, tomando a dianteira e precipitando os acontecimentos, sair duma situação intolerável e ameaçadora para êles; pretexto também para os megalomaníacos pangermanistas realizarem enfim o seu sonho de domínio mundial; pretexto, por outro lado, para o império russo, tomando hipócritamente o papel de inocência agredida, colher o fruto de tantas intrigas e excitações nas regiões turco-balcânicas, tornando inevitável o conflito com uma mobilização antecipada e obstinada.

A violação da neutralidade da Bélgica e a invasão brutal dêste país foram também para o império britânico o pretexto para, proclamando-se campião do direito ultrajado, realizar o seu plano há muito meditado de reduzir e, sendo possível, esmagar uma rival inquietante.

E' difícil, nas horas turvas dos últimos instantes, pesar exactamente o quinhão de responsabilidade de cada um na perpetração do crime. Se as potências centrais teem a responsabilidade de haver vibrado o primeiro golpe, se ao govêrno russo incumbe a de ter, com a sua mobilização persistente, quase forçado a Alemanha a declarar-lhe a guerra, tais responsabilidades não são senão responsabilidades dum momento, responsabilidades acidentais, cujo pêso sobrecarregará perante a história cada um dêsses Estados.

Mas as responsabilidades mais pesadas, por serem responsabilidades de sempre, são as que pesam sôbre todos os governos europeus, cujas manobras recíprocamente hostis, juntas às intrigas desonestas e maléyolas duma diplomacia que despreza a sorte dos povos, mas está ao inteiro dispor dos apetites capitalistas, encerra-